

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – FFLCH / USP

### Estudos de gênero no âmbito das Ciências Sociais: material de apoio para o professor de Sociologia do Ensino Médio

aluna: Erica Janecek de Mello  
semestre: 1o / 2010

### ROTEIROS DE ATIVIDADES

#### ATIVIDADE 1

**Breve descrição:** Análise das definições de “homem” e “mulher” retiradas do *Dicionário Aurélio* e da frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, retirada do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Explanação sobre o conceito de gênero.

**Objetivo:** Alunos entenderem o conceito de gênero no âmbito das Ciências Sociais.

**Previsão de desenvolvimento:** 2 aulas de 45 minutos, sendo que a primeira será para análise e discussão das definições do dicionário e da citação de Simone de Beauvoir e a segunda aula será expositiva sobre o conceito de gênero.

**Recursos necessários:** Retro-projetor

#### **Dinâmica utilizada:**

1. Os alunos estão sentados em círculo. A professora diz "Eu sou uma mulher" e, logo em seguida, pergunta "O que define uma mulher?". Conforme os alunos vão falando suas definições, a professora as coloca na lousa.

Caso seja um professor do sexo masculino quem ministrará a aula, ele pode mostrar a foto de uma mulher (pode ser famosa, para chamar a atenção dos alunos) e, a partir dela, realizar a primeira etapa da aula.

2. Professora mostra transparência de definições de “mulher” e “homem”, segundo o *Dicionário Aurélio*. Professora, juntamente com os alunos, faz uma análise das definições.

"Homem, s.m. Animal racional, bípede e mamífero, que ocupa o primeiro lugar na escala zoológica; ser humano; a humanidade; pessoa adulta do sexo masculino; (fam.) marido ou amante; soldado, operário; indivíduo corajoso; (fem.: mulher; aum.: homenzarrão; dimin.: homenzinho, homúnculo); - de Estado: estadista; - de letras: literato, intelectual; - de prol: homem nobre, escritor, artista, etc.; - marginal (sociol.): indivíduo que vive em duas culturas em conflito, ou que, tendo-se desprendido de uma cultura, não se integrou completamente em outra, ficando à margem das duas culturas; pron. (ant.) alguém: jamais homem viu tal coisa".

"Mulher: s. f. pessoa do sexo feminino, depois da puberdade; esposa (aum.: mulherão, mulheraça, mulherona); - à-toa (Bras.)(pop.); - da comédia (Bras. São Paulo)(pop.); - da rótula (Bras.. Rio de Janeiro) (pop.); - da rua ou - da vida (Bras.); - de má nota, - de ponta de rua (Bras., norte); - do fado, - do fandango (Bras., São Paulo); - do mundo (Bras.)(pop.); - do pala aberto (Bras., São Paulo)(pop.); - errada; - perdida, - pública; - vadia (bras.); (v. Meretriz)"

3. Colocar na lousa: "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Perguntar para os alunos o que eles acham que significa essa afirmação e se concordam com ela.

4. Fazer o gancho com aula expositiva sobre o conceito de gênero nas Ciências Sociais.

- *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, popularmente chamado de *Dicionário Aurélio* ou simplesmente *Aurélio*, é um glossário do idioma português, lançado originalmente no Brasil em fins de 1975, tendo vendido na primeira edição (versão completa) mais de um milhão de exemplares até 1987, data da segunda edição. A versão original resultou do trabalho de mais de três décadas do lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

**- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.**

*O Segundo Sexo* é um clássico publicado por Simone de Beauvoir em 1949. É uma obra seminal que estabeleceu de imediato uma discussão sobre a condição feminina e o(s) feminismo (s). Apesar das várias polêmicas suscitadas, tem servido de referência para a maior parte dos ensaios, debates e discussões posteriores. São dois livros sobre a situação da mulher e o seu papel na sociedade. O primeiro volume recebeu o subtítulo de "Fatos e Mitos", e o segundo volume foi denominado "A experiência vivida".

Numa perspectiva histórica e apoiando-se sobre experiências vividas, Simone de Beauvoir mostra como, de uma maneira ou outra, a mulher sempre foi o escravo do homem. Beauvoir queria demonstrar que a própria noção de feminilidade era uma ficção inventada pelos homens, na qual as mulheres consentiam, fosse por estarem pouco treinadas nos rigores do pensamento lógico ou porque calculavam ganhar algo com a sua passividade, perante as fantasias masculinas. No entanto, ao fazê-lo, caíam na armadilha de se auto-limitarem. Os homens chamaram a si os triunfos da transcendência, oferecendo às

mulheres segurança e tentando-as com as teorias da aceitação e da dependência, dizendo-lhes que tais características são inatas do seu caráter. Que seja mãe, esposa, rapariga ou prostituta, a mulher define-se apenas em função do homem e nunca para a própria: encarna o outro. Esta diversidade posta a priori provoca a impossibilidade de relações de reciprocidade e de igualdade entre os homens e as mulheres.

Entretanto, como mostra Beauvoir, nada de naturalidade nem biológico acantona a mulher ao seu papel, a sua condição é, na verdade, um fenômeno meramente cultural. Não é a inferioridade das mulheres que determinou a sua insignificância histórica, mas a sua insignificância histórica que a dedicou à inferioridade.

Ao fugir a este determinismo, Beauvoir abriu as portas a todas as mulheres no sentido de formarem o seu próprio ser e escolherem o seu próprio destino, libertando-se de todas as ideias pré-concebidas e dos mitos pré-estabelecidos que lhes dão pouca ou nenhuma escolha. Assim, a mulher, qualquer mulher, deve criar a sua própria via, mesmo que seja a de cumprir um papel tradicional, se for esse o escolhido por ela e só por ela. Segundo Beauvoir, é de uma igualdade total entre os dois sexos que nascerá a liberdade da mulher.

---

## ATIVIDADE 2

**Breve descrição:** Análise de uma história em quadrinhos da Turma da Mônica e pesquisa sobre o tema “Gênero: corpo e identidade”.

**Objetivos:** Mostrar aos alunos que a forma como homens e mulheres se portam e vestem está relacionada à construção social de gênero.

**Previsão de desenvolvimento:**

1 aula para análise da HQ e exposição do tema.

1 aula para elaboração do roteiro de pesquisa.

1 aula para a professora ver o desenvolvimento das pesquisas e poder auxiliar os alunos com a análise dos dados.

2 aulas para apresentação dos resultados.

**Recursos necessários:** Retro-projetor.

- “Aniversário da Mônica ou festa do Mônico?”, in *Revista da Turma da Mônica*, Editora Globo, número 237.

Nesta história, a turma está reunida para o aniversário da Mônica. As personagens passam a agir e se vestir como se fossem do sexo oposto.

**Bibliografia sobre o tema:**

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

SANTOS, Luís Henrique S. dos. Um pretinho mais clarinho... ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 81-115, jul./dez. 1997.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, Luiz Heron da. (org.). *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.p. 194-212



Figura 8

(SOUSA, 2006, p.13)



Figura 9

(SOUSA, 2006, p.12)

**Turma da Mônica** é um grupo de personagens de história em quadrinhos criado por Maurício de Sousa no ano de 1959. É o maior dos grupos (chamados de "turmas") de personagens criadas pelo cartunista, possuindo ainda uma série de minigrupos, nos quais as personagens passam por várias peripécias cotidianas. O termo pode se referir também a todas as personagens já criadas por Maurício, mas que, a rigor, não fazem parte da "Turma da Mônica", tais como as personagens da Turma da Mata ou da Turma do Penadinho.

Link com informações sobre as personagens: <http://www.monica.com.br/home.htm>

### **Dinâmicas utilizadas:**

1. Professora distribuiu cópias da história em quadrinhos “Aniversário da Mônica ou festa do Mônico?” da Revista da Turma da Mônica número 237 Editora Globo ou utiliza transparência para mostrar a história para a classe.
2. Professora analisa, junto com os alunos, a questão da construção da identidade feminina e masculina nesta HQ.
3. Professora faz um gancho com uma breve aula expositiva sobre a questão da influência da construção social de gênero na maneira de se vestir, linguajar e identidade das pessoas do sexo feminino e masculino.
4. Alunos se organizam em grupos e elaboram, com o auxílio da professora, um roteiro de pesquisa sobre este tema, que deverá ser realizada dentro da escola tendo como objeto de pesquisa os alunos que frequentam a instituição. A pesquisa será composta por uma fase de observação e uma de entrevistas/questionários e terá como objetivo verificar como se dá a influência da construção social de gênero no corpo, linguajar e identidade dos alunos e alunas da escola.
5. Grupos apresentam os resultados das pesquisas para os demais estudantes.

---

### **ATIVIDADE 3**

**Breve descrição:** Exposição e discussão sobre movimentos feministas através de análise de filme, frases retiradas de revistas femininas, letras de música e propaganda de televisão. Fotografias, charges e exposições de arte serão utilizadas como material complementar.

#### **Bibliografia complementar:**

ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: a luta pelo voto feminino no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BLAY, Eva Alterman. *8 de março: conquistas e controvérsias*. Revista Estudos Feministas, 2/2001.

BRUSCHINI, Cristina. *Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?* (Brasil, 1985/95) In: ROCHA, M.I.B da (org). *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios*. Campinas, ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG, São Paulo, Editora 34, 2000.

BRUSCHINI, C. E LOMBARDI, M. R. *Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX*. In: ARAUJO, A.M.C *Desafios da equidade*. Cadernos Pagu (número especial). Campinas, Pagu/Unicamp, n. 17/18, 2001/02.

PINTO, Celi Regina. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo, Perseu Abramo, 2003.

### **Objetivos:**

- 1) Conhecer o que os alunos sabem sobre os movimentos feministas e expandir seus conhecimentos sobre o tema.
- 2) Problematizar a mudança do caráter das reivindicações das mulheres de hoje em relação às lutas dos movimentos feministas das décadas de 1960 e 1970.

**Recursos necessários:**

- TV
- DVD
- Retro-projetor
- Computadores
- Acesso à internet

### **Previsão de desenvolvimento:**

½ aula para discussão sobre o que era ser mulher

1 ½ aula para exibição do filme [“O Sorriso de Mona Lisa”](#)

½ aula para discussão sobre o filme

½ aula para análise das revistas femininas

1 aula expositiva sobre movimentos feministas

2 aulas para apresentação das pesquisas realizadas em grupo sobre Dia Internacional da Mulher, Sufrágio feminino e importantes feministas.

1 aula para análise de propaganda e letras de música. Passar trabalho final nesta aula.

1 aula para apresentação do trabalho final.

### **Dinâmica utilizada:**

1. Alunos estão sentados em círculo, para possibilitar que todos interajam. Professora pergunta se em outras sociedades e épocas o que definiria uma mulher seria algo diferente da visão que temos atualmente, na nossa realidade. Pedir que alunos deem suas opiniões e citem alguns exemplos que mostrem as diferenças.

2. Caso os alunos não mencionem na primeira parte da atividade, a professora deve escrever “1950” na lousa e perguntar para os alunos: “O que era ser mulher naquela época?”. Alunos dão suas opiniões e citam exemplos para mostrar as diferenças.

3. Professora diz que vai passar um filme ambientado na década de 50 nos Estados Unidos. Enquanto assistem, os alunos devem marcar no caderno como era a vida das mulheres representadas no filme. Antes de iniciar a exibição, a professora deve entregar para os alunos uma ficha com informações técnicas sobre a película. Depois que terminarem de assistir, a professora pede que alunos fiquem sentados em círculo e devem reportar para a classe as anotações que fizeram.

4. Lição de casa: alunos devem conversar com parentes ou conhecidas que tenham vivido na década de 50 e perguntar como eram suas vidas (a vida das mulheres) naquela época. Para tanto, nos últimos 15 minutos da aula, os alunos, juntamente com a professora, devem elaborar algumas das perguntas que farão para estas mulheres, para que tenham um roteiro para guiá-los.

5. Professora distribui cópias de frases retiradas de revistas femininas brasileiras das décadas de 40, 50 e 60. Alunos ficam em grupos. Devem ler e discutir as frases. Depois a professora abre a discussão para a classe inteira, de modo que cada grupo possa expor suas

opiniões sobre o conteúdo das frases. A professora deve fazer um gancho com as informações que alunos conseguiram através da pesquisa que fizeram de lição de casa e também com o filme exibido. Professora pergunta se no Brasil a situação das mulheres era parecida com a das americanas retratadas no filme.

6. Professora pergunta para a classe se essa ainda é a imagem que a nossa sociedade tem das mulheres e se é esse o comportamento esperado delas. Professora coloca duas datas na lousa: 1950 e 2010. Em seguida, pede que alunos fiquem em grupos e façam uma lista do que era ser mulher na década de 50 (utilizando informações que conseguiram durante suas entrevistas e atividades dadas na aula) e uma lista do que é ser mulher hoje em dia.

7. Professora abre a discussão para a classe inteira e pede que cada grupo reporte suas conclusões. Conforme alunos falam, professora coloca as diferenças na lousa, embaixo da década correspondente.

8. Perguntar, então, o motivo de ter mudado. Se os alunos não mencionarem, professora deve lembrá-los das lutas das mulheres pelos seus direitos (movimentos feministas).

9. Solicitar que mencionem os motivos que levaram as mulheres a lutarem no passado e fazer um levantamento do conhecimento prévio dos alunos acerca dos movimentos feministas. Professora faz uma aula expositiva sobre o tema (panorama internacional e nacional).

Lição de casa: Os alunos serão divididos em grupos que terão que pesquisar determinados temas e apresentá-los para a classe (são livres para escolher os recursos que quiserem para as apresentações). Cada grupo terá, no máximo, 20 minutos.

Grupo 1: Os integrantes do grupo irão fazer uma pesquisa sobre o Dia Internacional da Mulher, explicando a história do surgimento desta data e como é celebrada.

Grupo 2: Os integrantes do grupo irão fazer uma pesquisa sobre importantes feministas brasileiras.

Grupo 3: Os integrantes do grupo irão fazer uma pesquisa sobre importantes feministas internacionais.

Grupo 4: Os integrantes farão uma apresentação explicando a história do movimento pelo sufrágio feminino.

**10.** Continuação da aula expositiva: professora pergunta se essas questões levantadas pelo movimento feminista já estão superadas, ou seja, se podem concluir que as mulheres conquistaram suas reivindicações.

**11.** Indagar se ainda se faz necessário continuar lutando pelos mesmos ideais das décadas de 1960 e 1970, quando as lutas feministas foram mais veementes.

**13.** Professora mostra trechos de letras de músicas brasileiras (veja no arquivo *relação de músicas* sobre gênero). Professora deve pedir que alunos prestem atenção não somente nas letras das músicas, mas nas datas em que foram lançadas. O objetivo é fazer com que os alunos reflitam sobre este material apresentado e lhes dar conteúdo para a próxima atividade da aula.

**14.** Alunos ficam em grupos, analisam letras de músicas e devem refletir se as mulheres ainda lutam pela sua afirmação e, em caso afirmativo, em relação a quê. Perguntar pelo que os alunos acham que as mulheres deveriam lutar. Professora abre a discussão para a classe inteira, sendo que cada grupo expõe as suas reflexões.

**15.** Trabalho final (para ser confeccionado como tarefa de casa): Os alunos devem imaginar que serão participantes da nova geração de feministas. A classe será dividida em 3 grupos. Um dos grupos deve elaborar posterões, cartazes e charges que seriam publicadas em

jornais. Como talvez os alunos não estejam familiarizados com charges, a professora pode mostrar a esta como exemplo:



Fonte: <http://alemdogenero.wordpress.com/tag/feminismo/>

Ele: "Where's my dinner?"

Ela: "It must be around somewhere, dear, where did you last see it?"

Tradução:

Ele: "Cadê meu jantar?"

Ela: "Deve estar por aí, em algum lugar, querido, aonde foi a última vez que você o viu?"

O outro grupo fará uma encenação de uma passeata, com palanque e reivindicações. Cada membro do terceiro grupo será responsável por entrevistar duas mulheres para ver quais as reivindicações gostariam de fazer se fossem participar de uma passeata. Os alunos organizam os dados e passam para o primeiro grupo, que fará os cartazes e para o segundo grupo, que fará a passeata.

### **Material de Apoio:**

#### **Frases retiradas de revistas femininas brasileiras:**

- Não se deve irritar o homem com ciúmes e dúvidas.  
(Jornal das Moças, 1957)

- Se desconfiar da infidelidade do marido, a esposa deve redobrar seu carinho e provas de afeto.  
(Revista Claudia, 1962)

- A desordem em um banheiro desperta no marido a vontade de ir tomar banho fora de casa.

(Jornal das Moças, 1945)

- A mulher deve fazer o marido descansar nas horas vagas. Nada de incomodá-lo com serviços domésticos.

(Jornal das Moças, 1959)

- A esposa deve vestir-se, depois de casada, com a mesma elegância de solteira, pois é preciso lembrar-se de que a caça já foi feita, mas é preciso mantê-la bem presa.

(Jornal das Moças, 1955)

- Se o seu marido fuma, não arrume briga pelo simples fato de cair cinzas no tapete. Tenha cinzeiros espalhados por toda a casa.

(Jornal das Moças, 1957)

- A mulher deve estar ciente que dificilmente um homem pode perdoar uma mulher por não ter resistido às experiências pré-nupciais, exatamente como ele a idealizara.

(Revista Claudia, 1962)

- Mesmo que um homem consiga divertir-se com sua namorada ou noiva, na verdade ele não irá gostar de ver que ela cedeu.

(Revista Querida, 1954)

- O noivado longo é um perigo.

(Revista Querida, 1953)

- É fundamental manter sempre a aparência impecável diante do marido.

(Jornal das Moças, 1957)

- O LUGAR DE MULHER É NO LAR. O TRABALHO FORA DE CASA MASCULINIZA.

(Revista Querida, 1955)

O *Jornal das Moças*, uma publicação semanal do Rio de Janeiro, era distribuído por todo o Brasil, nas capitais e em algumas cidades do interior. Era anunciado como “revista semanal ilustrada”, e circulava às quartas-feiras, entre os anos de 1914 e 1965. Inspirava-se nos magazines ilustrados ou revistas de variedades do século XIX, comentando sobre assuntos considerados, na época, como próprios das mulheres. Trazia comentários sobre moda, conselhos domésticos, divulgação de contos, poemas, piadas, notícias de cinema, curiosidades, receitas culinárias, moldes de roupas da estação, fotos da sociedade fluminense, anúncios de cosméticos, de medicamentos, de lojas especializadas em artigos femininos e infantis, partituras musicais, resenhas de filmes, sugestões de leitura.

(Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal\\_das\\_Moças](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_das_Moças))

*Claudia* é uma revista da corporação da Editora Abril destinada ao público feminino. Aborda assuntos do dia-a-dia da mulher, como relacionamentos, as grandes mulheres que fizeram história, família, filhos, carreira, sucesso, dinheiro, moda, beleza, saúde, etc., além de temas atuais. Criada em 1961, é a revista feminina mais lida do país ganhou vários prêmios da Editora Abril e filantropias; hoje tem o Prêmio Claudia, destinado às mulheres de grande destaque do ano no Brasil em várias categorias.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Claudia>)

A revista *Querida* surge em junho de 1954, editada pela proeminente Rio Gráfica Editora. Fundada na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1952, a Rio Gráfica Editora fazia parte das organizações Globo, pertencentes ao jornalista Roberto Marinho, e possuía um dos maiores parques gráficos da América Latina. Com dois exemplares a cada mês, *Querida* possuía 24 números anuais até o ano de 1966, quando passou a contar com 26 números anuais. *Querida* era a revista quinzenal favorita na segunda metade dos anos 50 (Bassanezi, 1996:34) e tinha seu público bem definido; além de trazer escritas as palavras "para adultos" em muitas de suas capas, o próprio título já designava e determinava quem a lia. Mulheres letradas de classe média das principais capitais brasileiras compunham a maioria de seu público leitor. Integravam quinzenalmente a revista seções como: decoração, culinária, moda, beleza, horóscopo, cartas, cinema, livros, ballet e teatro nacional e internacional.

Leitura sobre o tema:

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres – Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1996.

### Análise de Charges

As imagens e texto a seguir podem auxiliar a complementar a discussão em sala de aula. Foram retirados de: SOIHET, Rachel. "Preconceito nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n. 84. Maio de 2008.





“Em crônica recente, o jornalista Fausto Wolff, focalizando um infanticídio, atribuiu as mazelas das mulheres pobres ao descaso das feministas, para ele “as verdadeiras campeãs do neoliberalismo”. Utilizo tal demonstração de misoginia como mote para uma reconstrução das lutas empreendidas por feministas nos anos 1970/1980 em busca da cidadania plena, na qual se inclui o reconhecimento de seus direitos ao controle do corpo. Nesse particular, destaco os preconceitos enfrentados, até mesmo no seio dos próprios feminismos, num momento em que se priorizava a conscientização das mulheres pobres no que tange à exploração de classe e à luta pela redemocratização do país, então imerso na

ditadura. Com a abertura política e o empenho de mulheres em demonstrar a negação imposta à sua sexualidade, consolida-se a consciência da relevância dessa questão, em meio a uma forte carga de pressões que, através da zombaria, visavam ao descrédito dessas iniciativas.

No Brasil, o reflorescimento feminista ocorreu numa realidade diversa, em pleno governo militar que ascendera ao poder com o golpe de 1964, o que concorreu para que assumisse características peculiares. De um lado, enfrentou a oposição do governo, que via com desconfiança qualquer forma de organização da sociedade, de outro, a oposição de grupos de esquerda, que consideravam que a luta deveria se polarizar contra o governo autoritário e a desigualdade de classes aqui vigente. Ademais, muitos desses grupos consideravam o feminismo um fenômeno burguês. Destaque-se nesse particular o jornal alternativo *O Pasquim*, o qual, ao mesmo tempo que se opunha ao regime por meio da ridicularização, voltava sua mordacidade igualmente para as mulheres que haviam se decidido pela luta por seus direitos, ou àquelas que assumiam atitudes consideradas inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Ridicularizava as militantes utilizando-se dos rótulos de “masculinizadas, feias, despeitadas”, quando não de “depravadas, promíscuas”, rótulos através dos quais tais articulistas conseguiam grande repercussão. Depreende-se dessa conduta o temor da perda do predomínio masculino nas relações de poder entre os gêneros, no que evidenciavam forte conservadorismo, contrastante com a atitude vista como libertária de alguns desses indivíduos em outras situações. O autor com o qual inicio este artigo foi um dos mais destacados participantes daquele jornal, cujo discurso agora reeditava, o que só poderia se manifestar como uma farsa, lembrando as reflexões de célebre pensador.

Nesse sentido, não apenas para reconhecer o empenho daquelas mulheres na luta por direitos que lhes eram negados – muitos dos quais conquistados, garantindo os seus benefícios às novas gerações –, mas também para colocar as coisas em seu devido lugar e, ainda, retrucar às afirmativas do teor acima exposto, cabe acentuar a significação das lutas então travadas. Naquela conjuntura, além das demandas pelos direitos sociais, novas questões foram colocadas pelas mulheres em suas pautas de reivindicações, distintas daquelas de feminismos anteriores, expressando o momento histórico em que estavam inseridas. As “políticas do corpo” assumiram naquele instante um caráter significativo. As

reivindicações manifestavam-se em favor dos direitos de reprodução, as mulheres buscavam a plena assunção do seu corpo e de sua sexualidade (aborto, prazer, contracepção) e insurgiam-se contra a violência sexual, não mais admitindo que esta fosse uma questão restrita ao privado, cabendo a sua extensão ao público. E esta não foi uma empresa fácil, já que as mulheres eram formadas em uma cultura na qual não poderiam dispor livremente de sua sexualidade.

Manter-se virgem enquanto solteira e fiel quando casada era sinônimo de honra feminina, que se estendia a toda a família, significando um conceito sexualmente localizado – violência que se tornou fonte de múltiplas outras violências. Enquanto aos homens estimulava-se o livre exercício da sexualidade, símbolo de virilidade, na mulher tal atitude era condenada, cabendo-lhe reprimir todos os desejos e impulsos dessa natureza. Mulheres solteiras que se deixassem desvirginar perdiam o direito a qualquer consideração e, no caso de uma relação ilegítima, os homens não se sentiam responsabilizados por sua atuação, devendo àquelas arcar com o peso das conseqüências do seu “erro”. Afinal, “pureza” era fundamental para a mulher, e o desconhecimento do corpo representava um signo de alto valor, num contexto em que a imagem da Virgem Maria era exemplar. E, assim, mulheres abandonadas expunham sua vida em práticas abortivas toscas e apressadas, chegando mesmo, algumas poucas, a se desfazer do recém-nascido nas situações mais trágicas. Outras que arriscaram viver sua sexualidade fora do casamento foram assassinadas em nome da “legítima defesa da honra”. Portanto, a decisão de assumir a sexualidade foi algo demolidor para as mulheres.

As feministas procuraram, também, atingir as mulheres dos segmentos populares através de panfletagens na Feira da Glória, no Rio de Janeiro, denunciando a criminalização do aborto e buscando apoio para essa causa. Ainda, para marcar o “Dia de Ação Internacional”, integrantes do CMB distribuíram panfletos em três praças da Zona Sul – a praça Nossa Senhora da Paz, o Lido e o Largo do Machado. Um cartaz apresentava as palavras de ordem: “Que as mulheres decidam. Nosso corpo nos pertence”. Constavam do citado panfleto inúmeras reivindicações com relação a medidas ligadas à saúde reprodutiva, além da denúncia sobre a inexistência de creches, boas escolas públicas e equipamentos coletivos. Frisavam ainda a injustiça da legislação em considerar criminosas as mulheres que abortavam. “Ilegalidade (que) não impede a realização desses abortos, mas deteriora as

condições em que eles são realizados, tanto do ponto de vista médico, quanto das condições psicológicas das mulheres”. E finalizava o panfleto: “Pelo direito ao prazer. Pelo aborto livre e gratuito. Que as mulheres decidam. Nosso corpo nos pertence. Aliás, segundo depoimento de Hildete Pereira de Melo, um dos líderes do Partido Comunista, numa das faixas em que estava escrito o lema “Nosso corpo nos pertence”, trocou a letra “N” inicial pelo “V” – fato que demonstra a utilização, também pela esquerda, de recursos (no caso, a zombaria) para garantir o controle do corpo feminino, o que só pode ser compreendido dentro do contexto das batalhas em torno do gênero e do poder. Nesse sentido, considerando-se o poder na perspectiva foucaultiana, ou seja, em sua multiplicidade, como algo que circula atravessando o corpo social, apoiando-se nos corpos e nos atos e exercido através da vigilância.

O citado lema chegou a ser motivo de acirrada polêmica com Ziraldo, um dos principais componentes de *O Pasquim*. O desenhista fez uma charge, publicada no *Jornal do Brasil*, na qual modificara o significado da frase, valendo-se de um dos recursos corriqueiros em relação à representação das mulheres quando se buscava sua desqualificação. Ao lado do dístico lançado pelas feministas, apresentava uma mulher com formas das mais exuberantes, exaltando a sua nudez. A charge provocou a indignação das feministas envolvidas na causa, diante da importância que atribuíam à questão e das dificuldades que enfrentavam para propagá-la.

Um pequeno grupo decidiu se vingar pichando o muro da casa do autor, com a frase: “Ziraldo, o Doca Street do humor”, provocando uma série de protestos do cartunista, que afirmava conhecer algumas feministas brasileiras que lhe pareciam “apesar de profundamente neuróticas, agressivas e carentes, bastante inteligentes e até mesmo brilhantes. São em geral, muito bem informadas, cheias de cursos e diplomas. Como, porém, a maioria das pessoas que se informam deformadamente, não conseguem transar bem a chamada decodificação da mensagem humorística.”

E a partir daí várias matérias se sucederam, com Ziraldo externando sua preocupação com o fato de seu endereço, que até então não figurava no catálogo telefônico, ter se tornado público. Disse sentir-se ameaçado, assim como sua família, naquele momento de tensão política. Logo a seguir, em outra crônica, ele reiterava: “Abaixo o feminismo de Direita!!!”, alegando “Eu não sou contra a mulher; eu sou é contra burrice!” e

censurando o fato de a “ação” ter sido feita em sintonia com a revista *IstoÉ*. E a “vingança” foi demolidora, presente em uma série de charges. Numa delas, um homem informa serem três os mentores da pichação: “Duas mulheres feias e uma pessoa do sexo masculino ao volante...” Em outra, o motorista, ao lhe perguntarem como aceitara a incumbência de “dirigir Fusca de madrugada para feminista pichar muro”, responde: “Meu sonho mesmo era trabalhar no Lampião”. Dessa forma, Ziraldo não só aproveitava para apontar o “supremo pecado das mulheres”, a sua feiura, como insinuava que o homem supostamente envolvido era homossexual, revelando igualmente o preconceito contra esses segmentos.

A questão parecia encerrar-se com uma entrevista realizada com feministas do CMB. Nela, ao entrevistar a socióloga Moema Toscano, uma das fundadoras do CMB, Ziraldo aproveitou para reafirmar os estereótipos, questionando: “Você é uma mulher bonita. Como é que mulher bonita vira feminista?” Ao que Moema replica, delicadamente, não entrando no jogo, sobre a necessidade de se abandonar a ideia de que a opção pelo feminismo resulta de frustração” (SOIHET, 2008).

---

#### **ATIVIDADE 4**

**Breve descrição:** Análise do conto de fadas “Rapunzel” e reescrita de um conto escolhido pelos alunos.

**Objetivos:** Alunos refletirem sobre a construção da identidade feminina nos contos de fadas.

**Previsão de desenvolvimento:**

1 aula para ler o conto e analisá-lo.

1 aula para os alunos começarem a reescrever o conto escolhido.

**Recursos necessários:** Caso não haja livros suficientes para todos os alunos, a professora pode escanear a história e mostrar no data show ou através da utilização de transparências.

**Livro:** Rapunzel

**Coleção:** [CONTOS DE GRIMM \(BROCHURAS\)](#)

**Autor:** Irmãos Grimm

**Editora:** Ática.



**“Rapunzel”** é um conto de fadas compilado no livro *Contos para a infância e para o lar*, dos Irmãos Grimm. Rapunzel é criada numa imensa torre, prisioneira do mundo, por uma bruxa malvada. O cabelo da menina nunca é cortado e é conservado como uma gigantesca trança. Um dia, um príncipe passando pelo local, ouve Rapunzel cantando, e decide salvá-la das garras da bruxa. Ao enfrentar a vilã, é castigado com uma cegueira total. Mas, no final da história, sua visão é recuperada pelas lágrimas da amada, e o casal se casa e conseguem o esperado final feliz.

Na versão de Rapunzel de 1812, celebrizada por Jacob e Wilhelm Grimm, Rapunzel é banida para o deserto pela bruxa, até ser encontrada pelo príncipe. Rapunzel nunca faz nada para controlar a sua própria vida. Apenas é passada da bruxa para o príncipe, e nunca se percebe o que é que ela quer.

Uma versão italiana mais antiga da mesma história, chamada “A Bruxa do Jardim” conta a história de maneira diferente: a garota se salva sozinha e retorna para sua mãe. Não há nenhum príncipe que a resgate.

O artigo abaixo, publicado em 19/11/2007, problematiza os contos de fada.

## **Estudo feminista revê os contos de fadas**

Contos de fadas em que a princesa ganha seu príncipe e vive feliz para sempre são, com frequência, distorções dos contos folclóricos originais, confirma uma pesquisa feita numa universidade canadense. Jenn Guare, estudante da Universidade Mount Alison, em New Brunswick, Canadá, examinou os contos de fada sob uma ótica feminista, devido a seu interesse em como a literatura infantil afeta a maneira como as mulheres acabam enxergando seu lugar no

mundo.

- Muitos dos contos de fadas mais antigos foram escritos e narrados por mulheres - disse Guare.

A pesquisadora argumenta que as diferenças em muitos casos são pequenas, mas que as vozes das mulheres e seus desejos para suas vidas são perceptíveis nas versões mais antigas.

- Tudo isso foi apagado quando os irmãos Grimm e a Disney tomaram conta das histórias - disse ela, observando que as versões apresentadas pelos irmãos Grimm talvez sejam as mais sexistas que existem, já que foram escritas para a sociedade patriarcal do século 19.

Na versão de Rapunzel de 1812 celebrizada por Jacob e Wilhelm Grimm, Rapunzel é banida para o deserto pela bruxa, até ser encontrada pelo príncipe:

- Ela nunca faz nada para controlar sua própria vida. Apenas é passada da bruxa para o príncipe, e nunca se percebe o que é que ela quer.

Uma versão italiana mais antiga da mesma história, chamada A Bruxa do Jardim, a conta de maneira diferente: a garota se salva sozinha e retorna para sua mãe. Não há nenhum príncipe que a resgate.

- Talvez precisemos retornar às histórias originais e ver se encontramos narrativas que sejam mais úteis no contexto de hoje - sugere Guare.

Artigo retirado de:

<http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a1682102.xml&template=3898.dwt&edition=8817&section=342>

### **Dinâmica utilizada:**

1. Professora lê com os alunos o conto de fadas “Rapunzel”, na versão dos Irmãos Grimm, em que a moça é indefesa e depende do príncipe para salvá-la. Depois comenta uma versão italiana, mostrando que a garota se salva sozinha e não há nenhum príncipe que a resgate. Perguntar para os alunos qual das versões eles preferem e qual faz mais sentido no mundo atual.
2. Alunos são divididos em grupos, sendo que cada um deve escolher um conto de fadas e reescrevê-lo numa forma mais condizente com a atualidade das relações sociais de gênero. A atividade começará na sala de aula e deve ser terminada como tarefa de casa.